



Adaptação e Evidências de Validade da Positive Risk-Taking Scale para Jovens Adultos Universitários

Isadora Garcia de Goes¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre-RS, Brasil

Ícaro Moreira Costa

Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Fortaleza-CE, Brasil

Ana Cristina Garcia Dias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre-RS, Brasil

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo adaptar e produzir evidências de fidedignidade e validade da *Positive Risk-Taking Scale* para o português brasileiro. Participaram 280 estudantes universitários de 18 a 29 anos. Aplicou-se o instrumento a ser adaptado, um questionário sociodemográfico, o Inventário de Arnett de Busca de Sensações, Marcadores Reduzidos de Personalidade e a Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido. Os dados foram analisados por meio dos softwares SPSS e JASP. O resultado das AFE e CFA indicou uma estrutura final para a escala adaptada, composta por 12 itens distribuídos em um fator e apresentando consistência interna favorável (alfa de Cronbach=0,77; ômega de McDonald=0,77). Análises de correlação demonstraram evidências de validade do instrumento com variáveis externas pertinentes. Conclui-se que a *Positive Risk-Taking Scale* apresenta evidências de fidedignidade e validade para uso em pesquisas brasileiras.
Palavras-chave: Risco; Estudantes universitários; Avaliação psicológica.

ABSTRACT – Adaptation and Validity Evidence of the Positive Risk-Taking Scale for University Young Adults

This study aimed to adapt the Positive Risk-Taking Scale into Brazilian Portuguese and provide evidence of its reliability and validity. A total of 280 university students aged 18 to 29 participated. The adapted instrument was administered, along with a sociodemographic questionnaire, the Arnett Inventory of Sensation Seeking, the Reduced Personality Markers, and the Multidimensional Scale of Perceived Social Support. Data were analyzed using the SPSS and JASP software. Results from exploratory and confirmatory factor analyses indicated a final structure for the adapted scale consisting of 12 items distributed across a single factor, with favorable internal consistency (Cronbach's alpha=.77; McDonald's omega=.77). Correlation analyses demonstrated evidence of validity with relevant external variables. The findings indicate that the Positive Risk-Taking Scale demonstrates adequate reliability and validity for use in Brazilian research.

Keywords: Risk; University students; Psychological assessment.

RESUMEN – Adaptación y Evidencias de Validez de la Positive Risk-Taking Scale para Jóvenes Adultos Universitarios

Este estudio tuvo como objetivo adaptar y proporcionar evidencias de fiabilidad y validez de la *Positive Risk-Taking Scale* al portugués de Brasil. Participaron 280 estudiantes universitarios de entre 18 y 29 años. Se aplicaron el instrumento a adaptar, un cuestionario sociodemográfico, el Inventario de Búsqueda de Sensaciones de Arnett, los Marcadores Reducidos de Personalidad y la Escala Multidimensional de Apoyo Social Percibido. Los datos fueron analizados mediante los programas SPSS y JASP. Los resultados del AFE y CFA indican la existencia de una estructura final para la escala adaptada, compuesta por 12 ítems distribuidos en un solo factor, con una consistencia interna favorable (alfa de Cronbach=0,77; omega de McDonald=0,77). Los análisis de correlación demostraron evidencias de validez del instrumento con variables externas pertinentes. Se concluye que la *Positive Risk-Taking Scale* presenta evidencias de fiabilidad y validez para su uso en investigaciones brasileñas.

Palabras clave: Riesgo; Estudiantes universitarios; Evaluación psicológica.

A tomada de riscos faz parte do desenvolvimento dos jovens. O risco é definido como uma escolha cujo desfecho é incerto, com a possibilidade de se obter um resultado indesejado (Crone et al., 2016). A Tomada de Riscos Positivos (TRP) se dá quando esses são socialmente aceitáveis, construtivos e promovem bem-estar ao indivíduo (Duell & Steinberg, 2019, 2020).

Ainda que seja tipificado como positivo, tal risco compreende a possibilidade de desfechos indesejados, como falha ou rejeição (Patterson et al., 2019). Entretanto, os potenciais benefícios incluem aumento no bem-estar do indivíduo, por exemplo, quando um jovem escolhe cursar uma disciplina desafiadora na faculdade, na qual ele pode fracassar, contudo, esta também pode

¹ Endereço para correspondência: Rua Santo Antônio, 421, Floresta, 90220-011, Porto Alegre, RS. E-mail: isadoragarcia@ufrgs.br
Artigo derivado da Dissertação de mestrado de Isadora Garcia de Goes com orientação de Ana Cristina Garcia Dias, defendida em 2024 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS.

lhe auxiliar no desenvolvimento de diferentes habilidades (Duell & Steinberg, 2019).

Em específico, a adulez jovem (entre 18 e 29 anos) é considerada um período com alta incidência de tomada de riscos, nem sempre positivos (Willoughby et al., 2021). Neste sentido, a universidade é um contexto relevante nas experiências de muitos jovens adultos (Arnett et al., 2014). Estudo sobre as vivências dos estudantes universitários mostrou uma grande diversidade de experiências e desafios (Teixeira et al., 2008), que incluem o envolvimento com riscos negativos (Marinho et al., 2020; Wohlgemuth et al., 2020) e positivos.

Nesse sentido, pesquisadores têm construído um conhecimento mais sistemático sobre a tomada de riscos, visando compreender mais sobre esse fenômeno entre os jovens (Defoe & Romer, 2022). Esse construto apresenta associações com variáveis correlatas, como a busca de sensações (Duell & Steinberg, 2020), a abertura à experiência (Patterson et al., 2019) e o suporte social percebido (Fryt et al., 2021). Especificamente, o suporte social percebido de amigos apresentou correlação positiva e moderada com a TRP, enquanto o suporte familiar mostrou uma relação negativa e fraca com eles (Fryt et al., 2021).

Além disso, a literatura internacional tem desenvolvido instrumentos que avaliam riscos adaptativos. Benthin e colaboradores (1993) desenvolveram o primeiro estudo psicométrico sobre percepções de risco entre jovens. A escala abordou comportamentos considerados problemáticos em 11 itens, como o uso de substâncias, juntamente com riscos socialmente aceitos em 19 itens (por exemplo, nadar e andar de bicicleta).

Ao longo dos anos, foram elaboradas novas escalas para medir a tomada de riscos na juventude. Fischer e Smith (2004) construíram um instrumento, *Risk taking measure*, com 27 itens, visando medir a tomada de riscos com resultados negativos e a tomada de riscos com resultados não-negativos. Com base nisso, Duell e Steinberg (2020) desenvolveram uma escala de TRP, *Positive Risk-Taking Scale* (PRTS), que contém 10 itens em sua versão final. A escala foi elaborada para o público de 16 a 20 anos. Os participantes da pesquisa foram solicitados a responder se participaram de algumas atividades descritas nos últimos seis meses. Os autores eliminaram itens da escala original considerados puramente reflexos de busca por sensações (por exemplo, andar em uma montanha-russa), a fim de minimizar a confusão entre busca por sensações e tomada de riscos positivos. Além disso, a cada pergunta, os autores adicionaram algumas palavras para enfatizar o potencial de perda, uma vez que as consequências negativas da TRP não são tão inerentemente claras quanto as consequências da tomada de riscos negativos. Por exemplo, "experimentar um novo esporte" foi modificado para "experimentar um novo esporte ou jogar um esporte no qual você não é bom, em que você poderia ter se constrangido" (Duell & Steinberg, 2020).

Essa escala foi adaptada com sucesso para o público jovem adulto em um estudo prévio realizado na Polônia (Fryt & Szczygiel, 2021). Ainda que seja uma escala originalmente desenvolvida para adolescentes, considera-se que esse instrumento é viável para adaptação com jovens adultos, devido às semelhanças que os dois grupos apresentam, tais como a sensibilidade aos pares e a orientação ao mundo social (Van Hoorn et al., 2017).

Sendo assim, apesar de a TRP passar por um crescente desenvolvimento na literatura, esse campo ainda apresenta lacunas em pesquisas com populações de jovens adultos na literatura (Reniers et al., 2017). Outrossim, há falta de informações sobre os correlatos dos riscos positivos neste público-alvo (Duell & Steinberg, 2020). Ademais, até o momento da escrita deste artigo, não existem instrumentos disponíveis no contexto nacional para avaliação da TRP. Portanto, faz-se necessário que mais estudos concentrem sua atenção nessas áreas para compreender melhor como a tomada de riscos se manifesta em diferentes cenários (Duell & Steinberg, 2020).

Os principais objetivos deste estudo foram adaptar e gerar evidências iniciais de fidedignidade e validade com medidas externas da *Positive Risk-Taking Scale* (Duell & Steinberg, 2020) para o português brasileiro, em uma população de jovens adultos cursando ou com ensino superior completo. Em específico, as evidências de validade com medidas externas foram avaliadas por meio de correlações com as variáveis busca de sensações, abertura à experiência e suporte social percebido. Como hipóteses, espera-se que a versão brasileira da PRTS apresente índices de fidedignidade adequados em um modelo de um fator (H1). Além disso, formularam-se as hipóteses de que a PRTS apresentaria evidências de validade por meio de correlações significativas e positivas com os escores de busca de sensações (H2), de abertura à experiência (H3) e de suporte social percebido (H4).

Método

Participantes

Utilizou-se como critério do número amostral o mínimo de 10 participantes para cada item do instrumento a ser adaptado (Pasquali, 2017). Participaram desta pesquisa 280 estudantes universitários jovens adultos, com uma média de 22,96 anos de idade ($DP=3,89$). A amostra, em sua maioria, foi composta por participantes do sexo feminino (71,80%; $n=201$), brancas (77,90%; $n=218$), estudantes de graduação (87,10%; $n=244$) e provenientes da Região Sul do país (61,10%; $n=171$). Os critérios de inclusão foram ter de 18 a 29 anos completos, ser brasileiro e estar matriculado em um curso de graduação ou pós-graduação em uma universidade brasileira.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. Este instrumento visou obter dados como gênero, raça/cor, nível

socioeconômico, região do Brasil, modalidade do curso em que está matriculado, entre outros.

Positive Risk Taking Scale (PRTS) (Duell & Steinberg, 2020). Esta escala, no estudo original, foi formulada com 14 itens e avalia a tomada de riscos positivos. Resultados da análise fatorial exploratória mostraram que a versão de 10 itens de fator único evidenciou o melhor ajuste do modelo e fidedignidade aceitável ($\alpha=0,75$), além de apresentar índices satisfatórios em análise confirmatória: $\chi^2(35, N=164)=51,93, p<.05$, CFI=.97, RMSEA=.05, SRMR=.09. Todavia, dado que estes resultados são preliminares, os autores da escala recomendaram que pesquisas com a PRTS utilizassem os 14 itens, para que a escala completa possa ser testada em várias amostras, antes que os itens sejam permanentemente eliminados da escala.

No presente estudo utilizou-se a versão adaptada da escala. Exemplos de itens incluem “Falou a verdade para alguém, mesmo que a pessoa não quisesse ouvir?” e “Defendeu o que acredita ser certo, mesmo achando que poderiam discordar de você?”. Os participantes indicaram se já praticaram a atividade (Sim, Não) e quantas vezes a praticaram nos últimos seis meses (Nenhuma vez, Uma ou Duas Vezes, Três a Cinco Vezes, Mais de Cinco Vezes), mantendo as escalas de resposta do instrumento original.

Inventário de Arnett de Busca de Sensações (AISS). Utilizou-se a versão brasileira do instrumento, adaptada por Gouveia et al. (2010). Esta escala é composta por 12 itens e mede a busca por sensações por meio de dois fatores: novidade e intensidade. No estudo de adaptação ao contexto brasileiro (Gouveia et al., 2010), a escala demonstrou validade fatorial adequada, com um modelo bifatorial reduzido de 12 itens apresentando as melhores índices de ajuste (GFI=0,95, RMSEA=0,054), e consistência interna aceitável para a escala total ($\alpha=0,56$), enquanto os fatores específicos de intensidade ($\alpha=0,51$) e novidade ($\alpha=0,42$) apresentaram valores mais baixos.

Marcadores Reduzidos de Personalidade (MRP). O instrumento reduzido de 25 marcadores para avaliar os Cinco Grandes Fatores da personalidade foi adaptado para o Brasil por Hauck Filho e colaboradores (2012). Neste estudo, a solução fatorial final, composta por 25 marcadores, explicou 53,92% da variância, enquanto suas subescalas apresentaram alphas de Cronbach variando de 0,78 a 0,88. Além disso, a análise exploratória inicial indicou que, embora houvesse violações da normalidade nos dados, o índice Kaiser-Meyer-Olkin foi de 0,82 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ($p<0,001$), confirmando a adequação dos dados para análises fatoriais.

Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (EMSSP). Este instrumento investiga o apoio social percebido pelos participantes e teve a versão brasileira adaptada por Gabardo-Martins et al. (2017). No estudo de adaptação, a escala revelou um modelo

com três dimensões distintas (família, amigos e outros significativos), com médias das cargas fatoriais de 0,91 para família, 0,88 para amigos e 0,93 para outros significativos. Os índices de variância média extraída foram de 0,84 (amigos), 0,82 (família) e 0,78 (outros significativos). Adicionalmente, a consistência interna foi confirmada pelo alfa de Cronbach, que foram 0,93 (amigos), 0,91 (família) e 0,90 (outros significativos). A análise multigrupos atestou a invariância configural, métrica e escalar para diferentes sexos e áreas de atuação, com poder estatístico superior a 0,80.

Procedimentos

Esta pesquisa apresenta um delineamento transversal correlacional com coleta de dados online via plataforma Google Formulários. Procedimentos éticos foram observados durante todas as fases do estudo, conforme disposto na resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2016). O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana (IPSSCH) da UFRGS, com parecer número 6.339.874. Para adaptar a escala, inicialmente, foi obtido o aceite da autora principal do instrumento, Natasha Duell, para a realização do estudo. Todas as etapas foram realizadas com base em diretrizes e recomendações da literatura (Borsa et al., 2012). A primeira etapa de tradução e retrotradução da escala foi conduzida por dois tradutores psicólogos independentes com proficiência na língua inglesa, sendo que apenas um deles possuía conhecimento do construto e objetivo das escalas, de acordo com recomendações prévias (Beaton et al., 2000).

As versões produzidas por cada tradutor foram sintetizadas em uma versão única. Em seguida, buscando obter validação de conteúdo, um comitê de Experts contendo três psicólogos pesquisadores experientes na área da psicometria analisou o instrumento. Solicitou-se aos *experts* que sugerissem ajustes para melhorar a compreensão dos itens na versão traduzida da escala. As sugestões incluíram mudanças na estrutura, instruções de resposta e termos utilizados nos itens. Todas as recomendações foram acatadas e implementadas. Sugeriu-se a reformulação do primeiro item da escala original traduzida: “Tentou entrar em uma equipe ou fez teste para uma peça de teatro quando não tinha certeza se seria escolhido?” Nota-se que tal frase faz referência a atividades culturalmente difundidas na rotina de adolescentes dos Estados Unidos. O item 2 “Participou de um novo clube ou atividade quando você não tinha certeza se iria gostar?” foi considerado redundante em relação aos demais itens da escala, por se referir à realização de uma nova atividade, logo, sugeriu-se sua alteração, a fim de que se garanta a eficácia do instrumento. Além disso, considerou-se que o item 5 “Candidatou-se a um cargo de liderança na escola ou em alguma outra organização quando não tinha certeza se seria escolhido?” não se encaixaria com o público-alvo

dessa pesquisa, que não frequenta mais a escola, mas sim a faculdade. Os demais itens permaneceram similares à primeira tradução do inglês e não sofreram alterações significativas nesta etapa. Assim, o item 1 foi modificado para “Participou de processos seletivos para empregos, projetos ou competições sem ter certeza de que seria selecionado?”, enquanto o segundo item foi alterado para “Iniciou um novo hobby ou empreendimento, mesmo sem garantia de que teria sucesso?”. No item 5, uma alteração foi feita: “Se candidatou a um cargo de liderança na faculdade (em vez de escola) ou no trabalho (em vez de ‘outra organização’), mesmo quando você achou que não daria certo?” Buscou-se manter o potencial para sucesso ou fracasso em cada item, por meio de atividades mais coerentes com o público-alvo do estudo.

Esta nova versão da escala foi então testada em um grupo focal composto por quatro participantes representativos da população-alvo. Suas avaliações foram levadas em consideração para aprimorar a escala. Tais alterações incluíram um ajuste no item 6, visando especificar que se trata de um convite para um encontro romântico, conforme solicitado pelos participantes. No item 12, em vez de “Começou uma amizade com alguém novo quando não tinha certeza de como seus outros amigos reagiriam?” modificou-se para “Iniciou uma amizade com alguém novo quando não tinha certeza de que se dariam bem?”. Isso ocorreu porque os participantes sugeriram que as opiniões de seus amigos não são tão relevantes neste momento de vida, o que possivelmente se dê de forma diferente para os adolescentes, público-alvo da escala original. Por fim, foi solicitada a adição de um texto antes dos itens, para oferecer um contexto inicial explicando o propósito da escala.

Uma nova versão contendo estes ajustes sofreu uma tradução reversa por dois tradutores independentes, como sugerido pela literatura (Borsa et al., 2012). Uma síntese das duas traduções reversas foi encaminhada à autora principal do estudo original da PRTS (Duell & Steinberg, 2020), Natasha Duell, com quem foram realizadas conversas por e-mail sobre os itens da escala. A autora concordou com as alterações e, assim, obteve-se a versão final da escala para a coleta. Por fim, a coleta de dados foi realizada com a amostra total e os demais instrumentos. O convite para participação na pesquisa foi disponibilizado via redes sociais, por meio de uma estratégia de bola de neve. O tempo para responder à pesquisa foi de 15 minutos.

Análise de dados

Análises descritivas dos dados sociodemográficos e das demais variáveis estudadas foram conduzidas, assim como o teste de normalidade de *Shapiro-Wilk*, com o objetivo de escolher os testes estatísticos adequados para análises posteriores. Até essa etapa utilizou-se o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 25. Foi conduzida uma Análise Fatorial Exploratória utilizando o *software Jeffrey's Amazing Statistics Program*

(JASP), a fim de verificar a estrutura fatorial da escala produzida. Foi utilizada uma matriz policórica e um método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov & Muthen, 2010). Para decidir o número final de fatores, utilizaram-se os critérios da técnica da Análise Paralela com permutação aleatória das estatísticas coletadas (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e a rotação utilizada foi a *Oblimin Promax*.

Na quinta etapa, foi empregada uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), realizada no programa JASP, com o objetivo de averiguar a plausibilidade de uma estrutura multifatorial. O procedimento foi configurado por meio do método de estimação *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS), adequado para dados categóricos (DiStefano & Morgan, 2014; Li, 2016). Os índices de ajuste utilizados foram: χ^2 ; χ^2/gf ; *Comparative Fit Index* (CFI); *Tucker-Lewis Index* (TLI); *Standardized Root Mean Residual* (SRMR) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Valores de χ^2 não devem ser significativos; a razão χ^2/gf deve ser <5 ou, preferencialmente, <3; Valores de CFI e TLI devem ser >0,90 e, preferencialmente acima de 0,95; Valores de RMSEA devem ser <0,08 ou, preferencialmente <0,06, com intervalo de confiança (limite superior) <0,10 (Brown, 2015).

As variáveis estudadas apresentaram uma distribuição não normal, o que torna mais apropriado o uso de testes não paramétricos. Dada essa característica da amostra e seu tamanho, optou-se pelo coeficiente de correlação de *Kendall* (Field, 2021). Por fim, utilizando o SPSS versão 25, foram conduzidas análises de correlações de *Kendall* (Field, 2021) entre variáveis para testar a validade com os demais instrumentos utilizados. Para tanto, consideraram-se os critérios de Field (2018), nos quais correlações até 0,3 são consideradas fracas, entre 0,4 e 0,6 são moderadas, e correlações entre 0,7 ou mais são consideradas correlações fortes.

Resultados

Uma análise de estatística descritiva foi conduzida para mapear os dados e testar a normalidade das variáveis (ver Tabela 1). Com exceção da variável "TRP", medida pela PRTS, todas as outras variáveis mostraram distribuição diferente da normal. A partir deste resultado, optou-se pelo uso dos testes estatísticos mais apropriados para cada etapa das análises, levando em consideração a natureza das distribuições observadas.

Foi realizada uma análise fatorial exploratória para verificar se a estrutura unifatorial do instrumento original permaneceu na amostra desse estudo. Buscou-se verificar os testes de KMO e esfericidade e, como resultado, foi possível verificar que os dados são adequados para análise fatorial exploratória (Kaiser-Meyer-Olkin [KMO]=0,81; Bartlett's Test <0,01).

Tabela 1

Estatísticas descritivas das variáveis estudadas

	Min	Max	Média	DP	SW	p
Tomada de riscos positivos (PRTS)	6,00	46,00	23,64	8,06	0,992	0,082
Pessoas Significativas (EMSSP)	4,00	28,00	23,50	4,75	0,857	0,000
Família (EMSSP)	4,00	28,00	19,78	6,30	0,942	0,000
Apoio Amigos (EMSSP)	7,00	28,00	22,86	4,61	0,905	0,000
Novidades (AISS)	1,00	4,00	2,37	0,64	0,984	0,001
Intensidade (AISS)	1,00	3,86	2,16	0,51	0,983	0,001
Abertura (Big-Five)	1,00	5,00	3,19	0,80	0,990	0,030

Nota. Min=Mínima pontuação encontrada; Max=Máxima pontuação encontrada; DP=Desvio padrão; SW=Teste de Shapiro-Wilk; p=Nível de significância do teste de Shapiro-Wilk

A análise paralela indicou que a estrutura com um fator, de acordo com o estudo original do instrumento (Duell & Steinberg, 2020), é adequada (ver Tabela 2). Ressalta-se que os itens 1 “Participou de processos seletivos para empregos, projetos ou competições sem ter certeza de que seria selecionado?” e o item 13 “Tentou praticar uma atividade física com a qual você não está familiarizado, correndo o risco de passar vergonha?” apresentaram carga fatorial inferior a 0,30. Sugere-se retirá-los das análises posteriores e da versão brasileira do

instrumento. A versão com 12 itens (retirando os itens 1 e 13) apresentou Omega de McDonalds de 0,77 e Alpha de Cronbach de 0,77, um resultado favorável quanto à consistência interna.

Posteriormente, testou-se o modelo unifatorial através de uma análise fatorial confirmatória com 12 itens. Como resultado, verificou-se que o modelo testado apresentou adequados índices de ajuste, demonstrando boas qualidades psicométricas (ver Tabela 3). A Figura 1 apresenta a estrutura e as cargas fatoriais dos itens.

Tabela 2

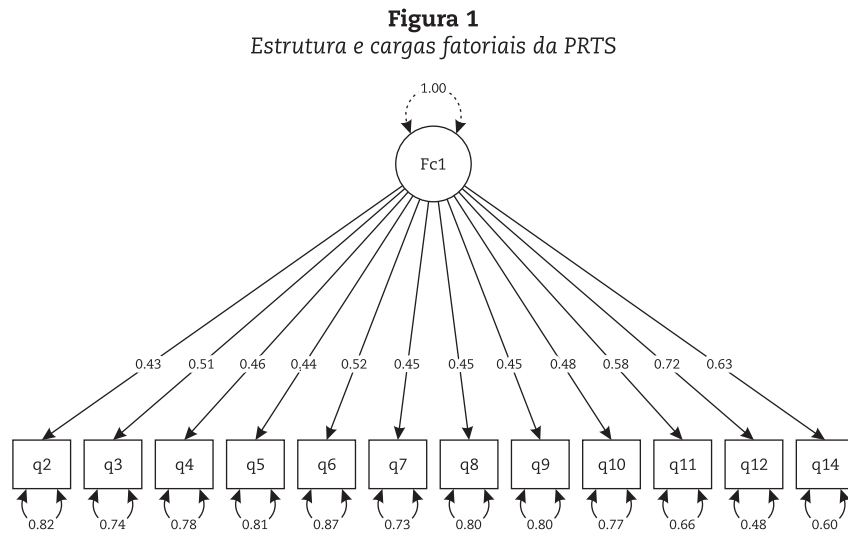
Cargas fatoriais dos itens da PRTS

Itens	Fator
1. Participou de processos seletivos para empregos, projetos ou competições sem ter certeza de que seria selecionado?	0,27
2. Iniciou um novo hobby ou empreendimento, mesmo sem garantia de que teria sucesso?	0,42
3. Falou a verdade para alguém, mesmo que a pessoa não quisesse ouvir?	0,45
4. Experimentou uma comida nova que achou que talvez não gostaria?	0,45
5. Se candidatou a um cargo de liderança na faculdade ou no trabalho, mesmo quando você achou que não daria certo?	0,38
6. Teve a coragem de convidar alguém para sair em um encontro romântico, mesmo com receio de levar um ‘não’?	0,34
7. Começou a aprender algo que você não sabia nada sobre ou que parecia desafiador?	0,49
8. Experimentou um novo visual, seja um corte de cabelo ou um estilo de roupa, mesmo sem ter certeza se os outros iriam gostar?	0,46
9. Foi a uma festa ou evento social em que não conhecia muitas pessoas e pensou que talvez não tivesse com quem conversar?	0,42
10. Contou um segredo ou compartilhou algo íntimo sobre si mesmo com alguém?	0,42
11. Defendeu o que acredita ser certo, mesmo achando que poderiam discordar de você?	0,52
12. Iniciou uma amizade com alguém novo quando não tinha certeza de que se dariam bem?	0,67
13. Tentou praticar uma atividade física com a qual você não está familiarizado, correndo o risco de passar vergonha?	0,29
14. Passou tempo com um novo grupo de pessoas, mesmo sem ter certeza de que se encaixaria?	0,58

Tabela 3
Índices de ajuste do modelo por meio da análise fatorial exploratória

	χ^2	df	CFI	TLI	SRMR	RMSEA(90% IC)
Modelo unifatorial	01.328	54	0,965	0,957	0,263	0,056 (0,039 – 0,073)

Nota. CFI=Comparative Fit Index; TLI=Tucker-Lewis Index; SRMR=Standardized Root Mean Square Residual; RMSEA=Root Mean Square Error of Approximation



Finalmente, verificaram-se evidências de validade do instrumento a partir de correlações significativas e positivas com medidas externas consideradas relevantes pela literatura. Com isso, utilizaram-se os fatores dos instrumentos de busca de sensações, de abertura à experiência e de suporte social percebido. Como resultado, o escore total da PRTS apresentou correlações positivas e significativas com o fator “Intensidade” da escala de busca por sensações ($\tau=0,14$; $p<0,001$), com “Abertura à experiência”, traço de personalidade, ($\tau=0,19$; $p<0,001$), e com os fatores “Apoio de uma pessoa significativa” ($\tau=0,10$; $p<0,05$) e “Apoio de amigos” ($\tau=0,14$; $p<0,001$). Tais achados indicam que, quanto maiores as pontuações em abertura à experiência, em busca por Intensidade, em apoio de pessoas significativas e amigos, maiores serão os índices de TRP.

Discussão

O presente estudo objetivou adaptar e gerar evidências iniciais de fidedignidade e validade com medidas externas da *Positive Risk-Taking Scale* (Duell & Steinberg, 2020) para o português brasileiro, em uma população de jovens adultos cursando ou com ensino superior completo. Sobre a sugestão de excluir o item 1, sabe-se que a fase universitária envolve mudanças na autonomia, envolvimento em atividades acadêmicas e profissionais, e a necessidade de ser autossuficiente financeiramente (Portilla-Saavedra et al., 2022). Sendo assim, acredita-se

que a participação em processos seletivos se configure como uma experiência comum nesta população, em que a maioria prestou um vestibular para ingressar na universidade, o que não necessariamente representa TRP.

No caso da exclusão do item 13, que se refere à prática de atividades físicas, ressalta-se que uma pesquisa realizada com jovens de 18 a 35 anos universitários brasileiros mostrou que os jovens praticam exercícios físicos motivados principalmente pela busca da prevenção de doenças, melhoria da condição física, controle de peso e aparência, além do desejo de lidar com o estresse (Guedes et al., 2012). Sendo assim, é possível que esta prática não seja tão relevante para a TRP neste contexto. Tais achados são semelhantes ao estudo original da escala (Duell & Steinberg, 2020), em que também é sugerida a remoção do item 1 da escala final, além dos itens (3) “Told someone the truth, even if they did not want to hear it;” (5) “Ran for a leadership role in school or in some other organization when you were not sure you would be picked;” (6) “Asked someone new on a date when you thought they might say no”. Nota-se que o índice de fidedignidade obtido no presente estudo foi superior ao do estudo original ($\alpha=0,746$), para a versão com 10 itens.

Quanto aos aspectos da adaptação, ressalta-se que modificações similares também foram realizadas em estudos prévios com a PRTS em adultos. A PRTS foi utilizada para o público adulto de 19 a 71 anos em uma pesquisa realizada na Polônia (Fryt et al., 2022). Como a escala foi originalmente projetada para adolescentes, foi

feita uma leve modificação para os participantes. Os autores alteraram o primeiro item "*Tried out for a team or auditioned for a play when you were not sure you would be picked*" para "*Applied for a job, project, or participated in a competition when you were not sure you would be selected*". Os autores realizaram uma modificação mínima em três itens: "*Ran for a leadership role at work (instead of in school) or in some other organization when you were not sure you could be picked*"; "*Started learning something that (instead of: Taken a class in a subject) you knew nothing about or that seemed challenging*"; e "*Started a friendship with someone new when you were not sure how others (instead of: your other friends) would react*". Nessa pesquisa, o α de Cronbach do PRTS modificada para uso em adultos foi de 0,83 para a versão com 14 itens.

A associação positiva entre o traço busca de sensações e a TRP corrobora achados de pesquisas prévias (Duell & Steinberg, 2019). Acredita-se que aumentar as oportunidades de TRP pode ser benéfico aos jovens adultos, para que eles possam canalizar sua tendência à busca de experiências intensas de forma construtiva para seu desenvolvimento (Duell & Steinberg, 2019). Exemplos derivados desse contexto abrangem possibilidades de envolvimento em atividades recreativas e o estabelecimento de novas conexões sociais.

Já a correlação fraca entre tomada de riscos sociais e recreacionais com abertura à experiência foi observada previamente no estudo de Weller e Tikir (2011), realizado com 231 estudantes de graduação. Sabe-se que a abertura à experiência tende a atingir seu pico em torno dos 20 anos (Gonzatti et al., 2017), idade próxima à média dos participantes deste estudo ($M=22,96$). Pessoas com escores altos neste traço de personalidade tendem a apresentar uma propensão maior para adquirir novos conhecimentos (Eldesouky, 2012). Especula-se que tal abertura favoreça a TRP positiva no ambiente acadêmico, por exemplo, cursar uma disciplina difícil. A literatura também mostra que indivíduos com alta abertura podem se mostrar mais receptivos aos próprios sentimentos e pensamentos, o que poderia favorecer a adoção de estratégias de enfrentamento mais adaptativas e flexíveis, tais como a busca por riscos positivos (Williams et al., 2009). Quanto à associação positiva e significativa entre a tomada de riscos e SSP, sabe-se que dados semelhantes foram observados anteriormente na literatura, em que o apoio de amigos foi encontrado em estudos com o uso de medidas de autorrelato para riscos em jovens adultos (Fryt et al., 2021), com uma associação positiva e moderada ($\beta=0,53$, $p<0,001$) entre suporte social dos pares e tomada de riscos. Além disso, o SSP de um outro significativo apresentou associação fraca e negativa ($\beta=-0,18$) com engajamento em riscos negativos em estudos prévios com jovens adultos do sexo masculino (Studer et al., 2017). De uma forma geral, os dados encontrados apoiam a hipótese de Duell e Steinberg (2019) de que o contexto social do jovem pode facilitar a prática de assumir riscos positivos, ou, pelo menos, evitar os riscos negativos.

Considerações finais

Essa pesquisa adaptou e demonstrou evidências iniciais de fidedignidade e validade com medidas externas relevantes de uma escala de TRP para jovens adultos estudantes de graduação e de pós-graduação. Demonstraram-se evidências de que a escala adaptada é capaz de avaliar a TRP nesses jovens, apresentando qualidades psicométricas aceitáveis e a estrutura unifatorial prevista. Além disso, apresentam-se evidências de que as correlações com variáveis que já foram identificadas em estudos anteriores com adolescentes (Duell & Steinberg, 2020; Fryt et al., 2021; Patterson et al., 2019) também foram observadas entre jovens adultos.

Como limitações do estudo, destaca-se a composição da amostra, que não é representativa da população de jovens adultos brasileiros. Apesar das restrições, destaca-se o papel pioneiro da pesquisa neste campo de estudo no Brasil. Esta pesquisa buscou fornecer um recurso prático e aplicável para pesquisas sobre o desenvolvimento desses indivíduos. Por fim, a ETRP mostra-se um instrumento viável para avaliação da TRP. É recomendado o uso da versão com 12 itens para aplicação em jovens adultos universitários brasileiros entre 18 e 29 anos em pesquisas.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação Edson Queiroz e à Universidade de Fortaleza pelo financiamento para a publicação deste trabalho, e também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Financiamento

Fundação Edson Queiroz, Universidade de Fortaleza e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Contribuições dos autores

Especificamente, as autoras Isadora Garcia de Goes e Ana Cristina Garcia Dias participaram da redação inicial do estudo – conceitualização, investigação, visualização, o autor Ícaro Moreira Costa participou da análise dos dados, e as autoras Isadora Garcia de Goes e Ana Cristina Garcia Dias participaram da redação final do trabalho – revisão e edição. Todos os autores declaram que estão de acordo com o conteúdo do manuscrito submetido à revista Avaliação Psicológica.

Disponibilidade de dados e materiais

Todos os dados e sintaxes gerados e analisados durante esta pesquisa serão tratados com total sigilo devido às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Porém, o conjunto de dados e sintaxes que apoiam as conclusões deste artigo está disponível mediante razoável solicitação ao autor principal do estudo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesses.

Referências

- Arnett, J. J., Žukauskienė, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18–29 years: implications for mental health. *The Lancet Psychiatry*, *1*(7), 569–576. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(14\)00080-7](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(14)00080-7)
- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2010). *Simple second-order chi-square correction*. [Unpublished manuscript]. Available at https://www.statmodel.com/download/WLSMV_new_chi21.pdf
- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, *25*(24), 3186–3191. <https://doi.org/10.1097/00007632-200012150-00014>
- Bentlin, A., Slovic, P., & Severson, H. (1993). A psychometric study of adolescent risk perception. *Journal of Adolescence*, *16*(2), 153–168. <https://doi.org/10.1006/jado.1993.1014>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *22*, 423–432. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>
- Brown, T. (2015). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research* (2nd Ed). Guilford Press.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510/2016*. Ministério da Saúde do Brasil. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Crone, E. A., van Duijvenvoorde, A. C., & Peper, J. S. (2016). Annual Research Review: Neural contributions to risk-taking in adolescence—developmental changes and individual differences. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines*, *57*(3), 353–368. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12502>
- Defoe, I. N., & Romer, D. (2022). Theoretical advances in research on the development of Risk-taking. *Developmental Review*, *63*, Article 101001. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2021.101001>
- DiStefano, C., & Morgan, G. B. (2014). A comparison of diagonal weighted least squares robust estimation techniques for ordinal data. *Structural Equation Modeling*, *21*(3), 425–438. <https://doi.org/10.1080/10705511.2014.915373>
- Duell, N., & Steinberg, L. (2021). Adolescents take positive risks, too. *Developmental Review*, *62*, 100984. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2021.100984> (não foi citado no texto)
- Duell, N., & Steinberg, L. (2020). Differential correlates of positive and negative risk-taking in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *49*(6), 1162–1178. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01237-7>
- Duell, N., & Steinberg, L. (2019). Positive risk-taking in adolescence. *Child Development Perspectives*, *13*(1), 48–52. <https://doi.org/10.1111/cdep.12310>
- Eldesouky, L. (2012). Openness to experience and health: A review of the literature. *The Yale Review of Undergraduate Research in Psychology*, *5*, 24–42.
- Field, A. (2018). *Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics* (5a Ed.). Sage Publications.
- Fischer, S., & Smith, G. T. (2004). Deliberation affects risk-taking beyond sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, *36*(3), 527–537. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00112-0](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00112-0)
- Fryt, J., Szczygieł, M., & Duell, N. (2022). Positive and negative risk-taking: Age patterns and relations to domain-specific risk-taking. *Advances in Life Course Research*, *54*, 100515.
- Fryt, J., Szczygieł, M., & Duell, N. (2021). Positive and negative risk taking in adolescence: Age patterns and relations to social environment. *New Directions for Child and Adolescent Development*, *2021*(179), 127–146.
- Gabardo-Martins, L. M. D., Ferreira, M. C., & Valentini, F. (2017). Propriedades psicométricas da Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido. *Trends in Psychology*, *25*(4), 1873–1883. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-18Pt>
- Gonzatti, V., Cunha, A. M. D., Bastos, A. G., Argimon, I. I. D. L., Tatay, C. M., & Irigaray, T. Q. (2017). Personality factors in adults and the elderly: a comparative study. *Avaliação Psicológica*, *16*(3), 256–260. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.11921>
- Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Gouveia, R. S., Freires, L. A., Athayde, R. A. A., & Araújo, R. D. C. R. (2010). Inventário de Arnett de Busca de Sensações (AISS): testando diferentes modelos fatoriais. *Psico-USF*, *15*, 181–191. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000200006>
- Guedes, D. P., Legnani, R. F. S., & Legnani, E. (2012). Motivos para a prática de exercício físico em universitários e fatores associados. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, *26*, 679–689. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000400012>
- Hauck Filho, N., Machado, W. D. L., Teixeira, M. A. P., & Bandeira, D. R. (2012). Evidências de validade de marcadores reduzidos para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *28*, 417–423. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000400007>
- Li, C. H. (2016). Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares. *Behavior Research Methods*, *48*(3), 936–949. <https://doi.org/10.3758/s13428-015-0619-7>
- Marinho, V. L., Klinger, E. F., da Silva, J. B. F., Reis, T. V., & Campos, K. P. M. (2020). Comportamentos de risco no trânsito: um estudo com universitários de um município do Sul do Tocantins. *Revista Cereus*, *12*(1), 27–40. doi: 10.18605/2175-7275/cereus.v12n1p27-40
- Pasquali, L. (2017). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes
- Patterson, M. W., Pivnick, L., Mann, F. D., Grotzinger, A. D., Monahan, K. C., Steinberg, L. D., ... & Harden, K. P. (2019). *Positive risk-taking: Mixed-methods validation of a self-report scale and evidence for genetic links to personality and negative risk-taking*. [Unpublished manuscript]. Psychology and Neuroscience, Temple University. <https://doi.org/10.31234/osf.io/bq63f>
- Portilla-Saavedra, D., Cruz-Riveros, C., Correa, F. P., & Gallardo-Peralta, L. (2022). Estudiar en la Universidad y tener hijos e hijas: Desafíos de la adultez emergente. *Psicoperspectivas*, *21*(2), 67–78. <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol21-issue2-fulltext-2295>
- Reniers, R. L., Beavan, A., Keogan, L., Furneaux, A., Mayhew, S., & Wood, S. J. (2017). Is it all in the reward? Peers influence risk-taking behaviour in young adulthood. *British Journal of Psychology*, *108*(2), 276–295. <https://doi.org/10.1111/bjop.12195>
- Studer, J., Baggio, S., Dupuis, M., Mohler-Kuo, M., Daepfen, J. B., & Gmel, G. (2017). Substance use in young Swiss men: The interplay of perceived social support and dispositional characteristics. *Substance Use & Misuse*, *52*(6), 798–810. <https://doi.org/10.1080/10826084.2016.1264966>
- Teixeira, M. A. P., Dias, A. C. G., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Psicologia Escolar e Educacional*, *12*(1), 185–202. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013>
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological Methods*, *16*(2), 209–220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>

- Van Hoorn, J., Crone, E. A., & Van Leijenhorst, L. (2017). Hanging out with the right crowd: Peer influence on risk-taking behavior in adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 27(1), 189-200. <https://doi.org/10.1111/jora.12265>
- Weller, J. A., & Tikir, A. (2011). Predicting domain-specific risk taking with the HEXACO personality structure. *Journal of Behavioral Decision Making*, 24(2), 180-201. <https://doi.org/10.1002/bdm.677>
- Williams, P. G., Rau, H. K., Cribbet, M. R., & Gunn, H. E. (2009). Openness to experience and stress regulation. *Journal of Research in Personality*, 43(5), 777-784. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2009.06.003>
- Willoughby, T., Heffer, T., Good, M., & Magnacca, C. (2021). Is adolescence a time of heightened risk-taking? An overview of types of risk-taking behaviors across age groups. *Developmental Review*, 61, Article 100980. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2021.100980>
- Wohlgemuth, M. D. G. C. L., Polejack, L., & Seidl, E. F. (2020). Jovens universitários e fatores de risco para infecção pelo HIV: uma revisão de literatura. *RELACult- Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 6(1). <https://doi.org/10.23899/relacult.v6i1.1631>

recebido em junho de 2023
aprovado em março de 2025

Sobre os autores

Isadora Garcia de Goes é psicóloga (FURG) e doutoranda em Psicologia (UFRGS). Atualmente, é servidora da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul.

Ícaro Moreira Costa é psicólogo (UNIFOR) e doutorando em Psicologia (UFRGS). Atualmente, é professor da graduação de psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Ana Cristina Garcia Dias é psicóloga (UFRGS) e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é Professora no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da UFRGS. Bolsista 1C-CNPq.

Como citar este artigo

Goes, I. G., Dias, A. C. G., & Costa, I. M. (2026). Adaptação e Evidências de Validade da *Positive Risk-Taking Scale* para Jovens Adultos Universitários. *Avaliação Psicológica*, 25, e25418, 1-9, <http://doi.org/10.15689/ap.2026.25.e25418>